

# A ANÁLISE PSICO-ORGÂNICA: UM DIÁLOGO ENTRE A MICRO E A MACRORREGULAÇÃO

*Silvana Sacharny<sup>1</sup>*

## **1 Da psicologia biodinâmica à análise psico-orgânica**

Para contextualizar o método da análise psico-orgânica (APO), criada por Paul Boyesen, é necessário fazer referência, inicialmente, à psicologia biodinâmica, fundada por Gerda Boyesen. Ao longo dos anos 1960, num quadro teórico e prático neorreichiano, o trabalho da biodinâmica se desenvolve focalizando a abordagem da psique através do trabalho orgânico. A contribuição pessoal de Gerda foi mostrar que o efeito terapêutico se passa essencialmente durante o defluxo da circulação energética, que seria análogo à descarga do ciclo carga-descarga de Wilhelm Reich. Seu trabalho consiste em favorecer, através de massagens apropriadas, um relaxamento profundo e intensificar a fase parassimpática do ciclo energético. Ela cria também o conceito de psicoperistaltismo, que se refere à digestão e dissolução do acúmulo de resíduos de estresse no organismo, permitindo, assim, que uma nova circulação se coloque em ação. Essa é uma via de reconexão com o processo autorregulativo ou microrregulador.

O tubo digestivo parece ser apenas uma longa cavidade tortuosa, em que os alimentos absorvidos e dissociados em moléculas atravessam a parede intestinal e passam para o sangue. Porém, muito mais do que isso, ele é uma das maiores glândulas endócrinas do organismo, e os hormônios ali secretados agem não apenas na digestão e no metabolismo das substâncias nutritivas, mas também nas emoções e no comportamento. A atividade das células endócrinas do intestino é comandada pelo sistema nervoso autônomo, e é o sistema parassimpático que normalmente funciona estimulando a digestão.

---

<sup>1</sup> Silvana Sacharny é psicóloga pela UFRJ, com especialização em psicologia clínica pela Sorbonne Paris. Atua como psicoterapeuta em análise psico-orgânica (EFAPO – Escola Francesa de Análise Psico-Orgânica), é coordenadora e formadora do CEBRAFAPO (Centro Brasileiro de Análise Psico-Orgânica) e formadora convidada na EFAPO. / Instagram: @silvanasacharny\_apo / @apo\_brasil / Facebook: Silvana Sacharny / www.cebrafapo.com.br

Quando isso ocorre, o organismo estoca as substâncias nutritivas, o que é acompanhado por uma sensação de bem-estar psíquico, se houver a possibilidade de repouso para que tudo isso aconteça. Já no processo oposto, quando se vive uma situação de estresse físico, emocional ou psicológico, o organismo não consegue entrar na situação de repouso, ficando intensamente em alerta.

É o funcionamento do sistema nervoso simpático que mantém todo o organismo em vigilância, ou seja, com músculos contraídos, respiração curta, aceleração do ritmo cardíaco, sudorese e os movimentos peristálticos em suspensão, a fim de que a energia seja deslocada para a ação. Em seguida, a energia deve se dispersar, e a circulação ser restabelecida. Muitas vezes, no entanto, essa dispersão e harmonização energética não ocorrem, e está aí o bloqueio mais importante. Se o estado após o estresse é acompanhado de ansiedade e contração, somente acontecerá uma recuperação superficial, e não a restauração. Então a função parassimpática do centro de regulação vegetativa não pode se efetuar, os produtos do estresse permanecem, e o ritmo biológico fica interrompido.

Cada vez que uma condição pós-afetiva não produz uma eliminação suficiente, com restauração e recarga, o organismo perde sua flexibilidade. E a massagem biodinâmica é uma via possível para restabelecer o equilíbrio de um mecanismo que se interrompeu, completando o ciclo vegetativo que não pôde se desenvolver naturalmente.

A pele é o mais extenso órgão dos sentidos do corpo, sendo o sistema tátil o primeiro sistema sensorial a se tornar funcional. Em sua origem, a comunicação se estabelece através da linguagem corporal, e a função psíquica se apoia e se desenvolve a partir da vivência corporal. Na relação original mãe-bebê, o contato tátil da mãe tem como funções a estimulação orgânica (favorece o deslançar de atividades novas como a respiração, a excreção-digestão e as defesas imunitárias), a comunicação afetiva (o sentimento de segurança, a confiança de base) e o preparo para o acesso à linguagem. Esse contato, aos poucos, leva a criança a distinguir uma interface (como uma membrana) que permite a diferenciação do externo e do interno, trazendo a experiência de um continente. Essa vivência, no quadro de uma

relação segura, dá acesso a um sentimento de base que garante à criança a integridade de seu envelope corporal.

Quando essas funções são preenchidas de modo satisfatório – quando o sujeito se sente compreendido nas suas necessidades –, ele pode construir um envelope de bem-estar, narcisicamente investido. Em oposição, se houver fragilidade ou falhas no envelope corporal e psíquico, o indivíduo guarda na memória somática uma ferida narcísica que pode ser reativada, e o sentimento será expresso através de algum sintoma psicocorporal.

O toque é um elemento muito potente, pois faz referência a uma das primeiras memórias somáticas do ser humano. Na vida intrauterina e a partir do nascimento, o bebê tem grande sensibilidade na pele. A partir do contato tátil na origem da vida é que se estabelece a comunicação afetiva entre a mãe e o bebê. Dessa forma, ao tocar o corpo de uma pessoa, tocamos na história de vida desse sujeito, pois apreendemos o corpo enquanto unidade psicossomática.

Nesse sentido, o trabalho com a massagem biodinâmica procura levar ao relaxamento, para que o indivíduo possa sair de uma posição frequentemente ativa, de vigília, para uma posição receptiva.

Numa primeira etapa, o indivíduo se dá conta do seu próprio funcionamento habitual: ritmo, postura, respiração. Mas essa observação, ou percepção de si mesmo, não é realizada a partir da consciência mental, mas da permissão sensorial.

O registro é o da sensação, tornando possível o relaxamento do controle mental para a conexão com o universo sensorial. Nesse espaço, é viável se conectar a um outro ritmo, a uma outra respiração, e resgatar a confiança no ser orgânico, no ser corporal. Quando o indivíduo entra em contato com o seu ser sensível, torna-se mais acessível para a emergência de memórias somáticas primárias em torno de sensações, emoções e imagens.

A direção do tratamento é viabilizar a vivência e a expressão desses sentimentos, das sensações e imagens, respeitando profundamente os limites e as possibilidades do sujeito. Dessa forma, interessa-nos o trabalho de diluição das resistências, que exercem função de defesa, na medida da permissão corporal. Nesse sentido, as noções de tempo e maturidade são fundamentais, pois dar tempo ao outro é poder exercitar o seu ser paciente.

O toque biodinâmico centra a pessoa sobre si mesma. Respeitoso e sensível, permite que a pessoa massageada perceba seu esquema corporal, aproprie-se de sua segurança interna, do prazer de existir e da confiança no corpo, nas sensações e nos sentimentos. Esse processo é denominado regulação interna ou microrregulação, e o limite da massagem se inscreve nessa relação introspectiva.

Paul Boyesen (psicoterapeuta e filho de Gerda Boyesen), trazendo parte do legado da psicologia biodinâmica, cria a APO durante a década de 1970, em busca das ligações entre a linguagem verbal (significar a vivência emocional), a produção de imagens (acessar o universo simbólico) e a experiência energética, sensorial. Dando à psicologia biodinâmica uma forma mais analítica, Paul Boyesen cria modelos fenomenológicos (o círculo psico-orgânico, o trabalho sobre a impulsão primária – *primary impulse training*) que permitem a compreensão do funcionamento intrapsíquico do sujeito e da dimensão da relação (transferência e contratransferência) no processo terapêutico.

## **2 A inauguração de um novo devir**

A orientação do tratamento, em APO, não permanece somente na micro, mas busca também a macrorregulação, ou seja, o sujeito na relação com o outro, com o objeto do seu desejo.

Somos seres sensíveis e sensórios, e trazemos nas nossas células, na nossa pele, a memória somática dos primórdios da vida. Nosso ponto de partida é o princípio fundamental afirmativo, um sim à vida, o que chamamos de energia vital ou PRIMÁRIA – nossa fonte de vitalidade, que é o que nos anima, trazendo mobilidade e movimento. Somos relacionais desde todo o processo da vida intraútero.

A metodologia em APO se interessa pelo processo do nascimento, que se inicia desde a concepção, trazendo o sentido do SER, a energia primordial, o *élan* vital. Essa energia afirmativa ganhará corpo e se desenvolverá no espaço intraútero até o momento da passagem para a vida aérea.

Vimos da vida aquática, em que a experiência do ser é de completude, de estar continuamente contido e envolvido pela parede uterina, num movimento aquático constante, em estado de homeostase, de equilíbrio. Enquanto seres

relacionais, existe todo um contexto inicial de como se passou esse período gestacional e de como se deu o evento do parto e nascimento. A passagem de um ambiente para outro será uma experiência extrema e radical, em que o recém-nascido penetrará num estado de total necessidade. Daí podemos trazer o conceito de macrorregulação, a relação entre o ambiente materno e o bebê no restabelecer da microrregulação do sistema interno do bebê.

Essa regulação vai se dar através da comunicação entre a ressonância da função materna (de quem ocupa essa função) e as necessidades do bebê. E essa comunicação vai se dando num fluxo contínuo, a partir da complexidade relacional da dupla mãe/bebê.

A qualidade dessas experiências sensoriais, através dos diversos canais sensoriais (o tato, o olfato, a audição, o paladar, a visão e o movimento), envelopará o bebê (criando verdadeiros envelopes sensoriais), integrando e criando a integridade biopsicoafetiva da existência desse ser.

Nessa etapa da existência, vai sendo constituída a experiência da segurança ontológica, o asseguramento e a confiança de base. É através de sensações prazerosas que o bebê se nutre e se desenvolve. Daí a expressão em francês "*être bien dans sa peau*", que significa sentir-se bem na própria pele. Traduzo poeticamente essa ideia no poema a seguir:

A pele

A pele que nos envolve,

Que nos encobre, nos reveste e nos contém.

A pele, órgão mais extenso do corpo,

Que delimita o dentro e o fora.

Nos faz sentir o movimento das trocas,

Interior, exterior.

A pele, que é superfície,

Expressa a profundidade da alma.

É na pele que ficam impressos os registros da nossa história, as marcas sensoriais dos afetos.

Sentir-se bem na própria pele

É ampliar a qualidade da experiência,

Do prazer de viver.

Dessa forma, a psique, o ego psíquico, vai se constituindo apoiado nas experiências corporais, podendo se apropriar do que recebe, com contornos e limites corporais bem definidos. O corpo ganha uma forma de “recipiente”.

Nesse acolhimento, a aliança entre o materno e o paterno vai estabelecendo, na relação com o novo ser, a constituição da existência do sujeito na direção do devir. Esse processo dos primórdios vai reverberar ao longo de toda a vida do sujeito.

A capacidade de simbolização vai sendo desenvolvida e integrada com as sensações. Porém, os sofrimentos, fragilidades e feridas permanecem impressos na memória somática inconsciente, e, quando esse núcleo é muito frágil, a capacidade de elaboração e simbolização também se torna muito vulnerável. A partir disso, podem se desenvolver quadros compulsivos, somatizações, ansiedades, medos exacerbados. O sujeito vai se desenvolvendo tendo uma experiência de insegurança de base, com uma tendência a muitos transbordamentos emocionais e sensoriais. E o sintoma se torna uma manifestação de desequilíbrios e sofrimentos nas interações entre os sistemas psíquico, somático e afetivo.

No *setting* terapêutico, acolhemos esse ser dos primórdios com toda a sua história e bagagem afetiva, psíquica, social e cultural.

Paul Boyesen nos diz que todos temos uma história, mas, ao mesmo tempo, não somos a nossa história. É a partir desse viés que podemos criar, construir novas alternativas e ter um novo nascimento, visto que cada amanhecer é uma possibilidade para um novo DEVIR. E a dupla terapeuta/paciente vai tecer, cocriar, inaugurar uma nova relação.

A APO vai buscar, através de ferramentas terapêuticas, ativar o diálogo entre as sensações (o que emerge do corpo), os sentimentos (a experiência afetiva) e as situações (ampliação das imagens e o processo de simbolização). Desse modo, é possível trazer maior fluidez entre essas instâncias, ativando a energia potencial, isto é, indo além dos padrões defensivos que impedem e reduzem a expressão do sujeito no mundo. Essas expressões podem estar aprisionadas em funcionamentos reativos ou submetidas às dinâmicas familiares de origem. O movimento energético se torna estagnado, retido, comprometendo

as verdades do sujeito desejante. Nessa dimensão, a APO vai promover o acesso às imagens, às infinitas camadas associativas de como o corpo introjeta as situações no seu espaço intrapsíquico.

O espaço terapêutico é uma possibilidade de criar um novo vínculo afetivo, tecendo a experiência da confiança, do fiar com, no resgate da autenticidade e da espontaneidade do sujeito. É um trabalho de sustentação do processo transformacional.

Para ilustrar o atendimento psicoterapêutico em APO, escolhi um recorte com a paciente que vou chamar de L., a fim de analisar as etapas dos pontos 1, 2 e 3, correspondentes à necessidade, à acumulação e à identidade do círculo psico-orgânico criado por Paul Boyesen.

A fase da necessidade é quando o bebê precisa ser alimentado de leite, mas também de cuidados, de palavras com sonoridades suaves, de tato, calor e gestos de amor. A pele é como uma “membrana receptiva”, permeável, dependente, à espera do continente materno. As carências vivenciadas durante esse período podem causar o que nomeamos de patologia do envelope.

L. vive os primeiros meses de vida excessivamente no seu berço, numa experiência de solidão. O seu entorno maternante oferece apenas os cuidados de ordem funcional (mamadeira, troca de fraldas, mudança de posição); diante disso, L. inicialmente chora, berra, mas depois desiste, criando, assim, um padrão de resignação.

Ao chegar à terapia, sua demanda está ligada às dificuldades relacionais, ao sentimento de desvitalização e a uma profunda tristeza.

A terapia baseia-se essencialmente na imagem, aquela do envelope, sob uma forma de toque, de uma comunicação através do contato da profundidade, do ser para o ser. Envolve também o trabalho com o “*palming*”, que desenha o contorno do corpo através do toque da terapeuta, imprimindo a experiência de delimitação, continente e fronteira.

A verbalização é orientada no sentido de dar uma forma, a fim de simbolizar o que foi mobilizado e dinamizado no nível orgânico. Assim, L. tem a possibilidade de construir sua subjetividade entre sua pele real e a mão da terapeuta.

O ponto 2 do círculo é a acumulação/apropriação. A primazia é dada, aqui, para a noção dos limites do envelope. O limite ou envelope cria forma e contém

os traços de memória a partir de estímulos externos. O toque do “*palming*” trará a experiência de unidade, integridade sensorial e psíquica. Nesse ponto, a simbolização será na direção de permitir acumular e guardar sensações positivas, como apaziguamento, ternura, aquecimento e integração.

O processo terapêutico também trará, através da regularidade dos horários e das sessões, o efeito da experiência fundamental da continuidade e estabilidade do existir.

Nesse processo transformacional, L. aos poucos vai encontrando o ponto 3 do círculo, que é a identidade orgânica. O corpo, agora mais vitalizado e em conexão com a sua energia primária, pode passar do “eu preciso” para o “eu desejo” de forma mais íntegra, autêntica e espontânea. Da sensação aos novos sentidos, L. encontra maior mobilidade e fluidez nos seus movimentos.

### **3 Conclusão**

Da microrregulação no próprio corpo à macrorregulação nas relações afetivas, o trabalho psicoterapêutico amplia a capacidade de conexão com as necessidades para a apropriação dos desejos, indo na direção da expressão e realização e permitindo ao sujeito desfrutar da obtenção da experiência.

Dessa forma, é possível viabilizar novas escolhas, na conexão entre o sentimento, a sensação e o sentido.

Precisamos nos convocar para o despertar do “sentir com” na coexistência e no contato com o nosso entorno, tecendo redes afetivas para podermos manter nossas vibrações pulsantes, entre os nossos micro e macrossistemas.

### **Referências**

ANZIEU, Didier. **O eu-pele**. Tradução de Zakie Yazigi e Rosali Mahjuz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

BOYESEN, Gerda. **Entre psiquê e soma**: introdução à psicologia biodinâmica. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

FONTES, Ivanise. **A descoberta de si mesmo**: na visão da psicanálise do sensível. São Paulo: Ideias e Letras, 2017.

FRAISSE, Anne; CHAMP, Éric; TOQUET, Marc (org.). **A análise psico-orgânica**: as vias corporais de uma psicanálise. Tradução de Lucy Tie Kanaya. Rio de Janeiro: Numa Editora, 2020.